

MEU PRETINHO:

Um samba pela vida



Mumu de Oliveira

mumudeoliveira.cs@gmail.com

Arte-educador, sambista e compositor. É militante do samba há mais de 20 anos e arteeducador há 15, carrega consigo a convicção de que a arte pode e vai nos ajudar a encontrar caminhos para um mundo menos desigual. Desde 2016 trabalha junto ao CENPEC (Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária), dentro da Fundação Casa, produzindo conhecimentos por meio da música com os adolescentes internados.

MEU PRETINHO: UM SAMBA PELA VIDA**MEU PRETINHO: A SAMBA FOR LIFE****MEU PRETINHO: UM SAMBA PARA LA VIDA**

O samba Meu Pretinho não foi composto por mim, Leonardo Cesar Balbino de Oliveira, nascido em 14 de dezembro de 1979 (ano posterior ao fundamento do Movimento Negro Unificado). Também não foi composto por um outro eu, o Mumu, que veio ao mundo graças à sua astúcia e à crueldade do racismo, nos idos de 1989 (um ano depois de Vila Isabel nos presentear com Kizomba, Festa da Raça). Tampouco, o samba Meu Pretinho foi escrito por Mumu de Oliveira, um terceiro eu, que teima, assim como os outros dois já citados, em se manter vivo. O samba Meu Pretinho foi vomitado, dolorosamente, em 2018 (um ano após o Brasil ter batido novo recorde de mortes violentas segundo o Atlas da Violência publicado em 2019). Sob lágrimas de tristeza, angústia, revolta, medo e raiva, o samba Meu Pretinho tomou forma, conteúdo e axé. Tudo isso, a fim de denunciar o genocídio da juventude negra no Brasil.

Estudos apontam que a maioria das pessoas do sexo masculino, raptadas em África e escravizadas no Brasil, tinham entre 08 e 25 anos de idade. Deixando de lado toda e qualquer possibilidade de coincidência, a maioria das mortes violentas sofrida por corpos negros nos dias atuais, anos 20 do século XXI, também ocorre dentro desta faixa etária.

A ânsia que me atormentava por muitos anos, culminou nesta canção. Porém, antes de escrevê-la, eu me sentia esgotado, sem saber como combater de forma efetiva o genocídio da população negra no Brasil. Até que noticiaram a morte de M. V., baleado aos 14 anos de idade, a caminho da escola, no momento que acontecia uma ação policial no complexo da Maré no Rio de Janeiro. Deixo aqui uma pergunta: por que as balas perdidas, costumeiramente encontram nossos corpos negros? Digo “nossos corpos”, pois a cada morte, eu morro um bocado também. Vale lembrar que o Brasil foi o último país no mundo a acabar com a escravidão. Vale lembrar também, que uma das primeiras leis destinadas à infância e adolescência no Brasil republicano, foi o Código de Menores de 1927, também conhecido como Código Melo Mattos, que ao meu quase cego ver, como diria o Professor e cineasta Celso Prudente, mais parece um mecanismo para proteger a sociedade brasileira das crianças negras, dos adolescentes negros, pobres, desprotegidos e abandonados.

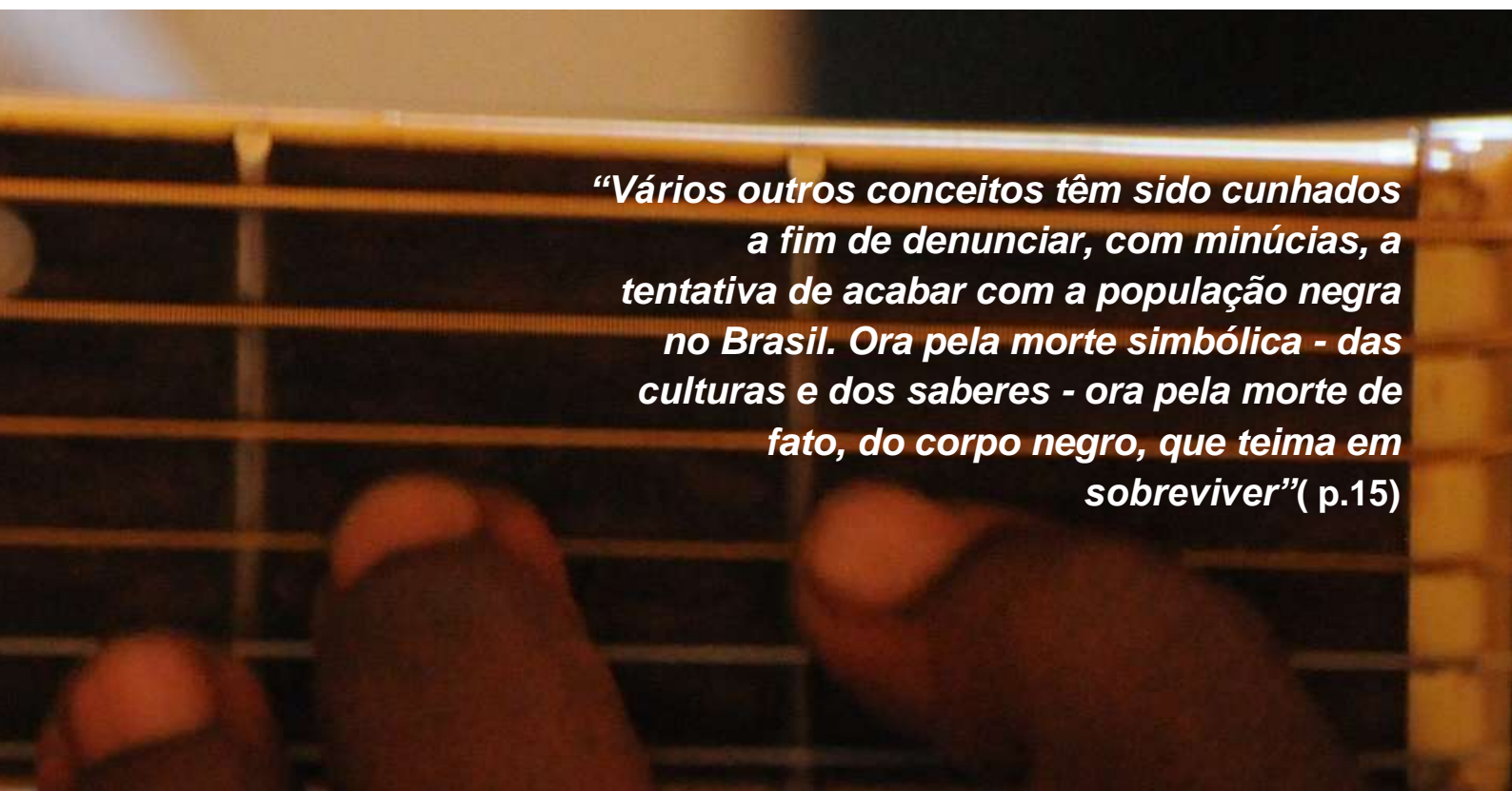
Neste sentido, devo salientar que um fato específico acelerou a promulgação da tal lei. Foi a prisão do garoto Bernardino, de 12 anos de idade, na cidade do Rio de Janeiro, naquele momento a capital federal. Ele, trabalhando de engraxate, se desentendeu com um de seus clientes que se recusava a pagar pelos serviços prestados. Indignado com a situação, Bernardino jogou tinta no salafrário. Punição recebida por Bernardino: 04 semanas preso numa cela de delegacia com adultos. Bernardino sofreu diversos tipos de violência.

Nosso saudoso Abdias do Nascimento fala do genocídio da população negra, já Achile Mbembe versa sobre necropolíticas e Sueli Carneiro nos apresenta o epistemicídio. Vários outros conceitos têm sido cunhados a fim de denunciar, com minúcias, a tentativa de acabar com a população negra no Brasil. Ora pela morte simbólica - das culturas e dos saberes - ora pela morte de fato, do corpo negro, que teima em sobreviver. O fato é que o Estado, nos mata todos os dias, e isso há anos, mas nós continuamos a tornar o Brasil cada vez mais negro, na busca de torná-lo cada vez mais rico, cada vez mais plural.



Sim, falei sobre mortes violentas que ocorrem no Brasil, com a conivência e/ou permissão do Estado, objetivando ressaltar a importância da vida da população negra, e os direitos que lhe são negados, cotidianamente. Direito a uma vida plena e digna, principalmente da juventude negra, não porque esta vale mais que as outras fases da vida, mas sim, porque há séculos é tratada como se valesse menos.

Por fim, precisamos garantir, também, às crianças negras o pleno direito à infância, à proteção, ao cuidado e a todos os outros direitos contidos na Declaração Universal de Direitos Humanos de 1948, na Constituição Federal de 1988 e, por conseguinte, a todos os direitos contidos no Estatuto da Criança e do Adolescente de 13 de junho de 1990. Queria muito poder falar apenas sobre a paz e sobre o amor, porém, infelizmente, não deu! Mas ainda há esperança! Sendo assim, lutemos e esperancemos!



“Vários outros conceitos têm sido cunhados a fim de denunciar, com minúcias, a tentativa de acabar com a população negra no Brasil. Ora pela morte simbólica - das culturas e dos saberes - ora pela morte de fato, do corpo negro, que teima em sobreviver”(p.15)



Clipe da música “Meu pretinho”. Clique para ser direcionado ao Youtube.

<https://www.youtube.com/watch?v=jLVCzSxUso>

Meu Pretinho (Mumu de Oliveira)

*Peguei a caneta pra escrever sobre o amor,
Não deu
Cadê o pretinho que morava ali?
Morreu!
Peguei a viola pra cantar a paz
Mataram mais um lá na rua de traz
Não, meu filho não! Meu Deus, por quê?
Nascer, sofrer, sofrer, sofrer, morrer
Cada um morre, morro um bocado também
Setenta pra cem, a mando de quem?
O braço armado do estado não me convém
Não me convence ser ele a segurança
Talvez seja ele a pior das heranças
Pros jovens de pele assim como a minha
Lembrei do sorriso que o meu pretinho tinha.*

COMO CITAR ESTE TEXTO

Oliveira, M. (2021). Meu pretinho: um samba pela vida. *Pathos: Revista Brasileira de Práticas Públicas e Psicopatologia*, v. 07, n. 02, 11-18.

RECEBIDO EM: 15/09/2021
APROVADO EM: 15/10/2021